

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

## PERFIL BIOGRÁFICO DE ALFREDO PIMENTA.

FONTE, Barroso da

Ano: 2001 | Número: 111

---

### Como citar este documento:

FONTE, Barroso da, Perfil biográfico de Alfredo Pimenta. *Revista de Guimarães*, 111 Jan.-Dez. 2001, p. 89-101.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Amândio César, numa conferência que proferiu neste mesmo local, em 9 de Janeiro de 1982, por ocasião das bodas de ouro do semanário *Notícias de Guimarães*, abordou o tema: *Testemunho nos primórdios do nascimento de Alfredo Pimenta*, tendo dito: “todo se deu à sua Terra e à sua Pátria, porque todo se entregou, sem uma dúvida ou desfalecimento e sem uma hora de descanso, a fazer o aproveitamento total dos dons que Deus lhe entregou, cumprindo com exemplaridade total o seu dever de homem da sua Terra e de cidadão do seu País”.

Desde Afonso Henriques aos nossos dias sempre Guimarães foi berço de filhos ilustres que, nos mais diversos domínios do saber, deram, à sua terra e ao seu país, contributos notáveis. Alfredo Pimenta foi um desses filhos ilustres que nos legou um património admirável, consubstanciado em cerca de 170 títulos, no Arquivo Municipal, no restauro do Paço dos Duques de Bragança, no brilho das Festas Centenárias (1940).

Versou os mais diversos géneros, desde a poesia, à política, da filosofia à história, do ensaio à crítica literária, da polémica à doutrinação nacionalista.

Graças ao seu privilegiado relacionamento com Salazar foi-lhe possível convencê-lo a criar em Guimarães o único Arquivo Municipal com estatuto distrital que o país tem, como lhe foi possível sensibilizar o então Presidente do Conselho para a necessidade de restaurar a Colina Sagrada, desde o Paço Ducal, ao Castelo e à Igreja de S. Miguel, restauro que seria

parcialmente celebrado em 1940, por ocasião das Comemorações Centenárias que aqui tiveram o seu ponto máximo. A inauguração do Paço ducal, com um museu incorporado, apenas ocorreria em 24 de Junho de 1959. Mas é-nos lícito afirmar que Alfredo Pimenta esteve na origem não só da criação do Museu Alberto Sampaio, juntamente com outros, como Alfredo Guimarães, por exemplo, como teve influência no restauro do Paço, polemizando com o Arquitecto Rogério de Azevedo, e convencendo Salazar de que esse monumento nacional deveria passar a ser residencial oficial do Chefe do Estado, o que viria a conseguir.

Em 15 de Outubro do ano 2000 ocorreu o I centenário da sua morte. Como passou despercebido, a Sociedade Martins Sarmento, sempre atenta aos acontecimentos culturais da urbe afonsina, embora tarde, programou esta sessão que teve, em compensação, o sortilégio de, entretanto, nos enriquecer com um inédito de Pimenta, com a mais valia de passar a ser a sua primeira obra, já que os ***Despeitos da Academia***, de 1903, figurava como o seu primeiro livro dos muitos que escreveu.

Convidou-me o Dr. Santos Simões para aqui lhes falar do Perfil Biográfico deste vulto da cultura Portuguesa da primeira metade do século XX, o que constitui, para mim, um grande prazer e uma honra. E essa honra é tanto mais elevada quanto é certo participar na mesma sessão o Prof. Doutor Ernesto Castro Leal que na sua tese de doutoramento, intitulada *Nação e Nacionalismos*, cita 19 vezes Alfredo Pimenta, essencialmente na sua vertente nacionalista.

Mas quem foi, afinal, Alfredo Pimenta?

Nasceu pelas três horas da manhã do dia 3 de Dezembro de 1882, na Casa de Penouços, freguesia de S. Mamede de Aldão, deste concelho de Guimarães. Foi baptizado pelas dez horas do dia seguinte, pelo padre Constantino António Barbosa, na freguesia de S. Romão de Rendufe. O seu assento de Baptismo encontra-se no Arquivo Municipal, lavrado de folhas sessenta e oito verso, a folhas sessenta e nove, do respectivo livro de assentos. Nesse documento se escreve que era filho

natural de Maria Rosa, exposta, criada por Antónia Barbeira, da freguesia de S. Vicente de Passos, do concelho de Fafe; neto paterno e materno de avós incógnitos. Foram padrinhos: Gaspar António, da freguesia de S. Cosme da Lobeira, lavrador caseiro, e Rosa Angélica da Costa, da freguesia de Boivães, do concelho da Barca.

Lê-se na mesma fonte que “o indivíduo de que trata este assento foi reconhecido e perfilhado, para todos os efeitos e para que tenha e goze de todos os direitos que a lei concede aos filhos perfilhados, pelo justificante Manuel José Lopes Pimenta, solteiro, proprietário da dita freguesia de S. Mamede de Aldão, morador na rua de Stº António da cidade de Guimarães, por escritura pública lavrada nas notas do tabelião da dita cidade, João Joaquim de Oliveira Bastos, em sete do mês de Dezembro de 1892”. E continua a ler-se na mencionada fonte que, no tempo em que se lavrou a dita escritura, vivia na companhia de Silvestre Lopes Pimenta, morador na Rua de Gil Vicente. “É filho perfilhado do dito justificante Manuel José Lopes Pimenta e neto paterno de Francisco Joaquim Lopes Pimenta e Dona Maria Josefa de Oliveira”. Assina este averbamento o pároco Joaquim de Oliveira Andrade.

Num outro averbamento se escreve que o dito Alfredo casou no dia 21 de Maio de 1904 com Adozinda Júlia Brito de Carvalho, então de 20 anos, natural de S. Bartolomeu, cidade de Coimbra, na Sé Nova dessa cidade. Finalmente, diz-se na nota de assentos que Alfredo Pimenta faleceu em 15 de Outubro de 1950, na freguesia de S. Sebastião da Pedreira, em Lisboa.

Em 1890 os pais mudam-se para Braga e passam a viver junto à Igreja de S. Victor, para que o jovem Alfredo frequente o Colégio Académico, onde se inicia nos estudos. Transfere-se pouco depois para o Colégio do Espírito Santo, onde esbarra com grandes dificuldades que levam os pais a transferirem-se, de novo, para Guimarães, matriculando o filho no Colégio de S. Nicolau, no Beringel, onde o professor de Matemática lhe descobre jeito para a disciplina. No ano seguinte, com 11 anos,

recebe ele o prémio da Sociedade Martins Sarmento, destinado ao melhor aluno da instrução primária.

Nas *Páginas Minhotas*<sup>1</sup> dirá mais tarde: “Entreí na Sociedade Martins Sarmento a primeira vez em 9 de Março de 1893 – há quantos séculos! – a receber o meu primeiro prémio de estudantinho de instrução primária”.

Em 1895, ainda com doze anos, fica órfão de pai e mãe que faleceram com 13 dias de distância um do outro.

Acerca da morte do pai escreverá ele: “Pobre Pai o meu! De sete irmãos, fora o Benjamim. Dos sete, só ele foi desgraçado, vítima de infortúnios e infâmias - tão desgraçado que, apesar de eu ter apenas doze anos quando há cinquenta e um anos morreu, sempre que evoco a sua memória sinto no coração uma dor pungentíssima, como a de um espinho cravado”<sup>2</sup>.

Para garantir o sustento do jovem por parte dos progenitores, foi constituído um conselho de Família, formado pelo Tio Silvestre e pelo Dr. Joaquim José de Meira.

Foram tempos muito difíceis como confessará, em 6 de Maio de 1935, numa conferência que proferiu na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, a que chamou *A Evolução dum Pensamento*. Revestido do pseudónimo de Francisco de Lucena, escreverá Pimenta: “Há 40 anos acabava o meu amigo Francisco de Lucena de perder os pais. Tinha eu doze anos. Frequentava eu as aulas insípidas dum colégio hostil. Órfão aos doze anos, sem ter tido a consciência das carícias sem par das mãos delicadas da mãe e da protecção afectuosa e do amparo viril da voz dum pai, o meu amigo Francisco de Lucena criou-se na atmosfera gelada do abandono”. E Pimenta declara nessa conferência que não lhe faltava, é certo, nem o pão para a boca, nem o vestuário para o corpo, porque de seu pai herdara o bastante para ter, sem preocupações, um e outro. Mas as crianças – adianta Pimenta nessa sua confissão – mais do que

---

<sup>1</sup> *Páginas Minhotas*, Organizações Bloco, Lda, 1950, p. 31.

<sup>2</sup> *Páginas Minhotas*, Organizações Bloco, Lda, 1950, p. 203.

pão para a boca e do vestuário para o corpo, precisam de amor para a alma e do amparo do espírito. E esse amor e esse amparo nunca soube o que fosse, no ambiente doméstico em que se desenvolveu a minha infância”.

Já sob a tutela do conselho de família ingressa no Colégio, como interno. Não se adapta e passa a externo. Como não acompanhava as aulas, recebia lições particulares. Tem aí como professor o Padre Abel que “me ensinava como eu gostava de ser ensinado. Com paciência, conversando, rindo, tratando-me bem”.

Dos Tios não guardava Pimenta boas recordações. Mas sobre o Dr. Joaquim de Meira escreverá<sup>3</sup>: “Quem tem na sua terra um médico como Joaquim de Meira não precisa nem deve consultar médicos de fora. Amigo de Guimarães não o houve maior. Quando no meu primeiro ano de escolar de Coimbra recolhi à terra, com grande raposa, com que os Mestres Doutores premiaram os meus 16 anos de provinciano assustadiço, foi a porta de Joaquim José de Meira a primeira a que bati, para que a sua amizade aplacasse as fúrias tutorais e as impedisse de me tornarem invivível a vida sob as mesmas telhas”.

Em 1897 começou Pimenta a frequentar a Biblioteca desta Centenária Instituição. Foi nesta mesma Biblioteca que requisitou os livros que constituíram as suas primeiras leituras: Júlio Dinis, Tomás Ribeiro, Guerra Junqueiro, Baudelaire.

Em 1898 conhece pessoalmente Martins Sarmiento, na antiga estrada de Fafe. Fica impressionado, positivamente, com a sua imagem<sup>4</sup>: “Foi a primeira vez que vi Sarmiento. Mas não era preciso mais para nós, os rapazes do meu tempo, para quem Sarmiento era o deus. Nunca esqueci, nem poderei esquecer a vez, a única vez, que vi Sarmiento, que a lenda começava já a envolver em sua teia de maravilhas e que a minha admiração instintiva, ingénua, seguia de longe”.

---

<sup>3</sup> *Páginas Minhotas*, Organizações Bloco, Lda, 1950, pp. 93/94.

<sup>4</sup> *Páginas Minhotas*, Organizações Bloco, Lda, 1950, p. 43.

À Sociedade Martins Sarmiento chamou Pimenta: “capitólio dos seus triunfos de menino de instrução primária e documento vivo do que pode a admiração consciente de uma dúzia de homens inteligentes”<sup>5</sup>.

No ano de 1899 começa ele a publicar versos no **Comércio de Guimarães**, numa secção destinada aos jovens colaboradores. Logo se mete com ele o **Parvónia**, chamando-lhe “poeta novo e católico” que vem dar lições sobre os sonetos. Como agora se comprova, foi nesse ano que escreveu o livro hoje apresentado.

Nesse ano foi Alfredo Pimenta fazer o exame de Filosofia ao liceu de Viana do Castelo, já que em Guimarães a tarefa se adivinhava mais difícil. Com esse exame conclui os estudos liceais e ingressa na Faculdade de Direito de Coimbra. Em **A Evolução dum Pensamento**, e pela voz de Francisco de Lucena, dirá em 1935: “Quando, em Outubro de 1899 transpôs a *Porta Férrea*, ambos nós caloios de Direito – a sua bagagem era policroma. Tinha 16 anos e já vinha familiarizado na literatura pátria com Guerra Junqueiro, Antero de Quental, António Nobre, Eugénio de Castro, Gomes Leal, João de Deus e os *poetae minores* do tempo; com Eça de Queiroz, Fialho de Almeida, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Camilo e Sampaio Bruno; e na literatura estrangeira com os filósofos alemães, os racionalistas franceses, os poetas decadentistas, os romancistas do naturalismo. E como se isso não bastasse – esclarece Pimenta – o seu espírito vinha preso nas ideologias de Kropotkine, Bakounine, Jean Grave, Réclus, Malato e *tutti quanti*...”

Os anos seguintes foram muito maus para Pimenta. Levou três anos a fazer o 1º e mais três anos para completar o 2º. Foi um período muito difícil porque se deixou influenciar pela leitura de **O único e a sua propriedade**, de Stirner, que o levará ao anarquismo. Para isso também contribuíram outras leituras: de Nietzsche, Renan, Gaspar Schmidt, Proudhon, Bakounine, Kropotkine. Dirá Pimenta que “Jesus era, para Francisco de Lucena, nesse tempo, o Jesus de Renan e de Strauss. Deus era,

---

<sup>5</sup> Idem, ibidem, p. 7.

nesse tempo, o Deus que lhe ficava das críticas do Kantismo e das páginas de Bakounine ou de Proudhon”. Nunca me há-de esquecer – dirá Pimenta – o dia em que, ao entrar no quarto de Francisco de Lucena, li na parede branca, em grandes letras, a tinta vermelha, a blasfémia de Proudhon: “Dieu c’est le Mal!”<sup>6</sup>.

Foi a sua fase de anarquista que o próprio Pimenta definiu como “o espírito que sacode todas as fórmulas, todos os entraves, todas as convenções, na convicção de que pode viver sem limites em que enquadre a sua acção e acanhe a sua sensibilidade”.

Ele próprio confessa que esse anarquismo aristocrata foi a sua primeira posição no mundo do Pensamento. Dentro dela poetou e, a marcá-la, deixou um “livro de monstruosidades infantis” a que chamou ***Eu***.

Publicado em 1904, no auge do seu anarquismo, o ***Eu*** é uma colectânea de versos em que o seu narcisismo atinge o centro do mundo. Nada mais para além dele. Por isso lhe chamará mais tarde “livro de monstruosidades infantis”, renegando-o, a exemplo daquele que se lhe seguiu, em poesia: ***Para a minha Filha*** (1905).

Em 1902 escreve em Coimbra, com o seu amigo e conterrâneo Eduardo de Almeida, o ***Burgo Pôdre*** que constitui uma espécie de retrato da sociedade Vimaranesa dessa época. Por ***Pôdre*** entendiam eles uma cidade convertida em beatério, onde o coração dos crentes batia uma só vez por dia - diz Norberto Cunha, na sua tese de doutoramento sobre ***Génese e Evolução do Ideário de Abel Salazar***<sup>7</sup>.

Em 1903 publica os ***Despeitos da Academia***, a propósito de uma polémica com Augusto Pires de Lima. Lê as ***Soluções Positivas da Política Portuguesa***, de Teófilo Braga e também o ***Cours de Philosophie Positive***, de A. Comte.

---

<sup>6</sup> *A Evolução dum Pensamento*, Coimbra, 1935, p. 12.

<sup>7</sup> *Génese e Evolução do Ideário de Abel Salazar*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997, p. 20.



Em 1904 pensa em desistir do curso de direito e vai para Lisboa, já com a mulher atrás, porque entretanto casara. Pretendia mudar de curso, o que fazia depender da equivalência às Cadeiras feitas. Não chegou a entrar no curso de letras, como pretendia, porque foi indeferido o seu requerimento. Dirá ele: “Corro a casa, digo para minha mulher – toca para Coimbra!”. Valeu essa mudança pela coincidência feliz de conhecer, na Livraria do Tavares Pai, Teófilo Braga que já conhecia dos livros. Foi o fermento de uma amizade que se traduziu em 40 cartas de Teófilo para Pimenta<sup>8</sup>. Foi ele quem arrastou Pimenta para o Positivismo e o levaria a renegar o **Eu**.

Em 1905 transita, finalmente, para o 3º ano. Por essa altura nasceu a filha Maria Adozinda e dedica-lhe o livro de poemas ***Para a minha Filha*** que Carolina de Michaëlis comentará negativamente, a ponto de Pimenta deixar de inseri-lo na relação das suas muitas obras, a exemplo do **Eu**.

Em 1906 publica ***A Mentira Monárquica e O Fim da Monarquia***, sistema político que abraçará em 14 de Maio de 1915.

Em 1907 frequenta o 5º ano, nasce o filho Alfredo Manuel, participa na Greve Académica, alinha no grupo dos **Intransigentes**, mantém-se fiel à recusa de participar nos exames e, para sobreviver, continua a colaborar em jornais e revistas.

Em 1908 conclui o curso de Direito, assina o manifesto com António Sardinha e tenta a sua sorte como advogado em Matosinhos, desistindo 8 meses depois. No seu opúsculo ***A Firma Jorge Botelho Moniz & Juliana Couceiro Taveira*** (1949) explica essa tentativa de fazer carreira como jurista: “Vivi em Matosinhos até ao fim de 1910. Vivi nessa praia, desde os meados de 1908, quando me formei, até ao fim de 1910, isto é, até vir para Lisboa. Quando me formei era pobre,

---

<sup>8</sup> *Cartas dos Outros para Alfredo Pimenta*, org. de Manuel Alves de Oliveira, Guimarães, 1963. Da página 3 à página 41 inserem-se 40 cartas de Teófilo para Pimenta.

mas pobre, na acepção verdadeira do termo. Era pobre e com cinco pessoas de família às costas. Cheguei ao Porto e entrei para a redacção da **Voz Pública**, pela mão de José Sampaio Bruno. O Pádua Correia ganhava; o Teixeira Lopes ganhava, o Bartolomeu Severino ganhava. Eu trabalhava de graça. Tentei a advocacia. Sem jeito para ela, ao fim de oito dias, corri os taipais. Mas nesses oito dias recebi alguns clientes, para eu os servir de graça. Eram-me mandados pelos advogados ricos do Partido Republicano que reservavam para si os clientes que pagavam”. E conclui: “Fiz tudo e tentei tudo para resolver o problema da minha vida. Cheguei a ter as malas feitas para ir para Moçambique. Foi Teófilo Braga que me dissuadiu dessa aventura”.

Nesse mesmo ano de 1908 publica um dos seus livros mais marcantes: **Factos Sociais**, onde é notória a influência do **Cours de Philosophie**, de Comte.

Em 1909 nasce a filha Maria Gracinda e, ainda em Matosinhos, funda o jornal **O Debate**.

Nos fins de 1910 muda-se para Lisboa e fixa residência no Dafundo. Desempenha nesse ano as funções de chefe de gabinete do Ministro do Fomento, Aurélio da Costa Ferreira. Foi uma experiência curta pois em 1911, e até 1913, lecciona como professor provisório no Liceu Passos Manuel, em Lisboa, onde profere duas conferências.

Em 1912 surge o partido Evolucionista e Pimenta não só adere como é encarregado de escrever o seu Manifesto. No ano seguinte é eleito deputado por esse partido, pelo círculo de Aldegalega. Mas essa campanha eleitoral trouxe-lhe marcas, pois foi apedrejado e insultado num comício no Barreiro, pelos republicanos democráticos.

Em 14 de Maio de 1915 dá-se uma viragem decisiva na sua vida: abandona o Evolucionismo e adere, definitivamente, à Monarquia que combatiera antes de ser republicano.

Em 1918 é eleito deputado ao Parlamento por Guimarães, onde defende um projecto de lei para a revogação do Divórcio que recolhe, entre outras, a assinatura de António Sardinha, do

qual virá a divergir, ao demarcar-se Pimenta do Integralismo Lusitano.

Em 1921 funda a **Acção Tradicionalista Portuguesa**, que recolhe o aplauso do Rei D. Manuel II, no exílio. Com esse movimento pretendia Pimenta unificar a Causa Monárquica, objectivo que não conseguirá.

Em 1924 cria a **Acção Realista Portuguesa**, movimento semelhante que chegará a ter três órgãos de informação para lhe dar corpo: a **Voz Nacional**, a **Acção Realista** e **Ideia Nacional**.

Por essa altura e também por inspiração de Pimenta nasce o grupo dos **Tertulíadas** que resultava do convívio diário entre os colaboradores da **Ideia Nacional**.

Entretanto, Pimenta vivia do Jornalismo. Entre 1913 e 1915 foi director do **Distrito da Guarda**, onde assinou 75 artigos de fundo, e mantinha colaboração em diversos outros jornais e revistas, fossem ou não defensores da sua causa ideológica.

Foi sempre propenso a influências em seu favor e em favor dos outros. Agarrou-se a todas as figuras de proa que ia conhecendo, nomeadamente Teófilo Braga e Carolina Michaëlis. Com os artigos de imprensa publicava livros que se foram avolumando e que o tornaram conhecido em diversos domínios, nomeadamente da História, da política e da polémica, para além da poesia.

Com a chegada de Salazar ao poder, conhecem-se e Pimenta reconhece no Presidente do Conselho o *Único* de Stirner e o *Super-Homem* de Nietzsche. Personalizava Salazar, na óptica de Pimenta, o homem ideal para consubstanciar o modelo de monarquia que desejava ver implementada no país.

Existem mais de trezentas cartas inéditas na Torre do Tombo (das quais temos cerca de 1.500 páginas de fotocópias) que permitem ajuizar do alto apreço que essas duas personalidades tinham entre si. Essa correspondência, riquíssima, por multifacetada, virá a público proximamente pela mão do Prof. Doutor Manuel Braga da Cruz, Reitor da Universidade Católica, e em consonância com a família de

Alfredo Pimenta. Virá ela – pelo que já conhecemos – clarificar muitos aspectos fulcrais do Estado Novo.

Graças a essa recíproca confiança, Salazar nomeou-o para 2º Conservador da Torre do Tombo em 1931, influenciou a sua promoção a 1º Conservador em 1948 e coroou essa amizade e confiança, em 1949, ao ordenar a sua nomeação como director do mesmo Arquivo Nacional, quando o próprio Pimenta já nem acreditava nessa possibilidade.

Ao longo da sua vida envolveu-se, umas vezes propositadamente, outras vezes por via indirecta, em inúmeras polémicas, algumas com fortes repercussões na vida nacional, como foram aquelas que travou com o Bispo de Bragança e Miranda, com o jornal *Novidades*, ou com a Academia Portuguesa de História, de que foi membro fundador.

Dos cerca de 170 títulos de que é autor, alguns tiveram grande influência na doutrinação social, cultural e política, como por exemplo: os *Elementos de História de Portugal*, que foi oficialmente adoptado para o ensino liceal e que teve diversas edições, bem como o *D. João III, Subsídios para a História de Portugal* e os três volumes de *Estudos Filosóficos e Críticos*.

Faleceu em 15 de Outubro de 1950, na sua Casa da Rua Pinheiro Chagas, em Lisboa, vitimado, em poucas horas, por uma trombose cerebral. Encontrava-se na tipografia um dos seus mais interessantes livros a que chamou *Páginas Minhotas*. As correcções iam na página 128, quando a morte o surpreendeu, pelo que foi o seu amigo de longa data, João Ameal, que as concluiu.

Em 19 de Janeiro de 1939, escrevera o seu testamento e nele declarava: “Nasci na Igreja Católica, Apostólica Romana. Dela me desviei na mocidade; a ela regressei mercê da graça de Deus. Nela quero morrer, crendo em tudo quanto ela ensina, reprovando tudo quanto ela rejeita. Se eu morrer em Lisboa, onde, por todos os motivos, não desejo ficar, peço aos meus amigos políticos e pessoais que façam tudo para que eu vá descansar à sombra das árvores da minha terra”.

Cumprindo a sua vontade, em 22 de Outubro de 1951 fez-se a trasladação dos restos mortais para a Capela da Madre de Deus, em frente à casa que, em 1927, lhe foi entregue por herança de seu tio Padre João de Penouços e que foi, desde aí até à sua morte, uma espécie de quartel general no Minho, para receber amigos, para fazer bem aos pobres que chegaram a ter um dia certo na semana para receberem “a semanada”, enfim, o palco para receber correio de todas as proveniências e também o sítio ideal para escrever muitas sátiras, muitas polémicas, muitas exposições políticas e técnicas, e não poucas páginas das muitas com que enriqueceu a literatura portuguesa.

A Câmara da época associou-se às cerimónias da trasladação e aproveitou para lhe prestar uma justíssima homenagem. A esse propósito, Eduardo de Almeida fez publicar no semanário *Notícias de Guimarães* uma notícia saudosa, onde afirmava: “Guimarães, pára e descobre-te. No caixão que passa, levado para a capelinha rústica da Madre de Deus, vai o cadáver de um Grande de Portugal, que é um dos mais notáveis Vimaraneses. Curva-te Guimarães, respeitosa e comovidamente: regressa para dormir o impenetrável sono da morte no Lar Natal, um dos teus filhos que mais sofreu e mais corajosamente lutou na eterna luta do Pensamento Humano. Era um Sábio e um Artista. Um sábio com uma base de cultura difícil, rara, quase impossível de igualar ou atingir; artista de sensibilidade requintada, da mais elevada, harmoniosa, musical e enlevante harmonia. A obra escrita que esse homem deixou é um monumento, como uma catedral gótica. Ela ergue-se formosa na Arte, profunda no Saber, ele que foi Prosador e Poeta, Filósofo e Crítico, Historiador e Investigador, em tudo dos maiores no mundo latino. Guimarães: descobre-te, curva-te e deixa que aos teus olhos assomem as lágrimas do sentimento”.

Em 6 de Julho de 1970, por iniciativa de seus filhos, foi a sua valiosa Biblioteca, constituída por 16.500 títulos, confiada à Fundação Calouste Gulbenkian. Presidiu à sessão o Doutor Azeredo Perdigão que assegurou aos doadores a certeza de que tudo faria aquela Instituição para que fosse útil aos estudiosos

que dela quisessem tirar proveito, no futuro. A Gulbenkian fez o devido tratamento e publicou esses ***Fundos de Alfredo Pimenta***, em 3 volumes, com prefácio de dez páginas laudatórias de José Mattoso.

Não tenho o direito de incomodar V. Ex.as por mais tempo. Bem gostaria de referir-me com algum pormenor ao seu saudável Vimaransismo. A ele se ficou a dever a criação e expansão do Arquivo que passou a ter o seu nome. A ele se ficou a dever o ***Boletim de Trabalhos Históricos***, uma das mais prestimosas publicações de índole histórica desde 1933 até 1990. A ele se deveu a devolução àquele arquivo de valioso património que pertencera à Real Colegiada de N<sup>a</sup> Senhora da Oliveira e que, inexplicavelmente, fora ter a Braga, a Coimbra e a Lisboa.

Termino, felicitando o Dr. Santos Simões e esta centenária Instituição pela feliz ideia de promoverem esta sessão, abrilhantada com a agradável surpresa do poema inédito que vem confirmar a precoce propensão de Pimenta para as lides literárias.

Guimarães, 1 de Março de 2001